

A editora Difel em São Paulo: livros, universidade e novos circuitos de produção e circulação para o pensamento brasileiro (1951-1960)

Fabiana Marchetti¹

Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP),
São Paulo, SP

RESUMO

A comunicação apresenta a história da editora Difusão Europeia do Livro (Difel), empresa que se vinculou de forma inovadora às atividades da Universidade de São Paulo a partir dos anos 1950, momento em que a instituição consolidava suas estruturas de pesquisa e profissionalização. De um lado, a universidade prescindia de meios materiais para publicar e circular os resultados de suas atividades; de outro, sustentava um circuito sistemático de autores-obras potencialmente capazes de alimentar um novo setor da economia livreira, a do livro universitário. A experiência da Difel lança luz a diversos aspectos deste processo, permitindo-nos compreender a centralidade que o objeto livro – mercadoria e veículo de elaborações humanas – pode adquirir na emergência de uma instituição e do sistema intelectual que ela integra.

PALAVRAS-CHAVE: História do Livro - História Editorial - Pensamento Universitário – Editora Difel – Paul Monteil

a. Produzir livros, circular ideias para um novo tipo de ‘comunicação inter-humana’

O desenvolvimento da universidade no Brasil é um tema que tem sido tratado em estudos de diversas disciplinas. No geral, estes trabalhos exploram a perspectiva institucional, a trajetória individual ou a formação dos grupos intelectuais que contribuem para o desenvolvimento destas instituições. Na história do livro e da edição o tema aparece, pois a criação e crescimento de um sistema universitário impactou diferentes conjunturas de produção, circulação e consumo desta mercadoria especial². Além das editoras ligadas a universidades, que só surgem ao longo dos anos 1960, algumas casas comerciais ficaram relacionadas a este movimento.

Entre as mais estudadas, podemos citar a Civilização Brasileira e a Zahar que atuaram no Rio de Janeiro³. Os trabalhos vinculam suas histórias à universidade em relação ao

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*. São Paulo, Edusp, 2017. Para esta definição, ver o capítulo 8 “O Livro, Esta Mercadoria”.

³ Fabiano Cataldo, *Editar Livros, sonho de livreiros: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2018; Hugo de Carvalho Quinta, *A trajetória de Santa Cruz e da Livraria Duas Cidades: o livreiro-editor de religiosos, universitários e intelectuais na cidade de São Paulo (1954-2006)*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual de São Paulo, 2021; Leonardo da Silva Nóbrega, *Editoras e ciências sociais no Brasil:*

crescimento da estrutura do ensino superior, aumento de estabelecimentos e matrículas e com o processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil. Além disso, muito se destaca sobre o papel político de suas edições que também refletiam o perfil engajado de grupos universitários.

Estas contribuições, contudo, não colocam no centro de sua análise a discussão sobre como as condições fundacionais das empresas, a construção de seus catálogos e o papel de intervenção sócio-política de seus empreendimentos colaboram para sedimentar um dos pilares da estrutura universitária, a saber, seus canais de comunicação, debate e transmissão de ideias. A perspectiva está subentendida, evidentemente, mas acreditamos ser possível e necessário toma-la como eixo das narrativas sobre o livro e a produção editorial para que se possa enxergar a complexidade e certo protagonismo que os livros podem exercer na emergência de novas relações intelectuais, circuitos de produção e circulação de ideias em determinada sociedade.

Inspirada pelas metodologias e discussões presentes nesta bibliografia e com o intuito de contribuir para construção de um novo ângulo de observação, a autora tem trabalhado em suas pesquisas sobre a história da editora Difusão Europeia do Livro (Difel)⁴. Contemporânea à Zahar e à Civilização Brasileira, a Difel foi fundada em São Paulo, no ano de 1951. Suas primeiras atividades estão diretamente ligadas ao funcionamento da Universidade de São Paulo (USP) naquela capital e constroem uma experiência interessante para a história do livro no Brasil. Em sua condição particular, a editora pode ser vista como integrante dos movimentos mais gerais em que convergem mercado editorial, a criação e fortalecimento de um sistema universitário brasileiro.

Quando Antonio Candido elabora seu estudo clássico sobre a formação da literatura brasileira, ele estabelece a ideia de sistema literário como um repertório de obras ligado por denominadores comuns, entre os quais se destacam três elementos fundamentais: “um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os distintos tipos de público sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (...) que liga uns aos outros.”⁵

a Zahar Editores e a emergência das ciências sociais como gênero editorial (1957-1984). Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2019; Michele Rossini Rosa, “*Esquerdisticamente Afinados*”: *Os Intelectuais, os Livros e as Revistas das Editoras Paz e Terra e Civilização Brasileira (1964-1969)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011; Leilah Santiago Bufrem, *Editoras Universitárias no Brasil: uma crítica para reformulação da prática. 2 ed revista e ampliada*. São Paulo: Edusp; Com Arte, 2015.

⁴ Tese de doutorado em andamento, sob o título *Paul Monteil e Difel: edição e difusão do pensamento universitário brasileiro (1947-1973)*, orientada pela Profa. Marisa Midori Deaecto.

⁵ Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro, Ouro Sobre o Azul, p. 24.

Nos termos definidos por Cândido, é possível realizar um paralelo entre sistema literário e sistema universitário, considerando que para existir este último depende dos mesmos pilares para definir os circuitos de reprodução e legitimidade de suas atividades. Ou seja, quando falamos em sistema universitário brasileiro não se trata apenas de identificar a emergência de uma rede de instituições de nível superior em território nacional, mas sim de compreender diferentes esferas de relações econômicas, sociais e culturais que conformam um novo “tipo de comunicação inter-humana”⁶ da qual, acrescentamos, emerge uma forma própria de pensamento. Ele se constitui na reivindicação de um modelo de formação, de um repertório metodológico, de debates internos, de ritos de profissionalização e na produção de obras – originadas a princípio pelos interesses internos ao sistema e dirigidas, em seguida, a um público externo.

O surgimento da universidade, como estrutura de uma superestrutura⁷ mais complexa - um sistema intelectual - demanda a elaboração de uma concepção própria de ciência como forma de compreensão da realidade em vários domínios disciplinares. Esse processo requer também uma afirmação desta instituição frente a outras mais tradicionais, especialmente no caso brasileiro em que as universidades são fundadas tardiamente, a partir da década de 1930, quando as escolas técnicas de bacharéis foram reunidas em torno das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Este processo integra uma conjuntura efusiva em termos sócio-políticos, seguindo aos eventos da Revolução de 1930 que, entendida como expressão de movimentações sociais mais complexas que vinham das primeiras décadas daquele século⁸, simbolizou um momento de discussão e ações para modernizar o país⁹. Este era o espírito de época, que atribuiu sentido à fundação de universidades em diferentes realidades estaduais e regionais.

As diferentes experiências e pontos que formariam um sistema universitário se vinculam por meio de variados mecanismos de diálogo desde prerrogativas burocráticas, passando pela formação de entidades de classe, reuniões, encontros, congressos até o registro da produção escrita dos resultados de pesquisas em artigos, revistas acadêmicas e, finalmente, em livros. Estes certamente ampliam o universo complexo de relações que na, e

⁶idem, *ibidem*.

⁷ Lincoln Secco, *A Batalha dos Livros*. Cotia, Ateliê Editorial, 2017, p. 31.

⁸ Edgard Carone, *Revoluções do Brasil Contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo, Buriti, 1965.

⁹ Antonio Candido. “O Significado de Raízes do Brasil. Prefácio à 26ª edição”. In: Holanda, S. B de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995; Fernando Azevedo, *A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1958.

a partir da, universidade conseguem materializar uma nova forma de pensamento e colocá-la em circulação, como passamos a demonstrar em nosso estudo de caso.

b. Mercado, Tradição e a Primeira Difusão Universitária

A história da Difel no mercado brasileiro acompanha um novo momento da modernização do ensino superior brasileiro, especialmente no que diz respeito à dinâmica das primeiras universidades fundadas no país. Como aponta Maria Arminda do Nascimento Arruda: “(...) os anos 1950 assumem especial importância, por corresponderem aos chamados frutos da universidade, tanto no sentido da entrada em cena das primeiras gerações de professores brasileiros, quanto ao aparecimento dos resultados de suas pesquisas”. Ou seja, na medida de seu desenvolvimento, o sistema universitário amadurecia como uma estrutura de profissionalização e produção intelectual que prescindiria dos tais mecanismos transmissores para projetar a existência da própria instituição, seus integrantes e os produtos de seu trabalho. A capital paulista, onde a editora inicia suas atividades, foi um local privilegiado desta realidade, especialmente pela presença da Escola Livre de Sociologia e Política (1933) e da USP (1934). Nelas se organizam os primeiros modelos sistemáticos de produção em nível de pós-graduação, sendo a USP responsável pelas primeiras teses de doutorado do país nos anos 1940.

Estes fatores beneficiam precocemente um movimento editorial inovador que compreendia a captação deste material escrito como matéria-prima para a realização de um tipo de livro específico, o livro universitário. Este que potencialmente poderia ser reconhecido como um novo gênero editorial para a especialização de catálogos.

Como já apontamos, a Difel não esteve sozinha nesta realidade de inovação e, ao lado de suas contemporâneas, soube se situar e reelaborar aspectos de uma tradição editorial sedimentada nas décadas precedentes. Os anos 1930 que marcam a “era de ouro”¹⁰ da edição nacional teve duas marcas fundamentais: a proliferação da prática de traduções, especialmente de literatura, prática em que atuam diversas editoras entre as quais podemos destacar a Globo, de Porto Alegre; e o surgimento dos primeiros grandes empreendimentos editoriais¹¹ brasileiros de divulgação não-ficcional, as chamadas coleções *brasilianas* - a

¹⁰ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo, Edusp 2012. p. 572. As traduções se desenvolvem no contexto de substituição de importações entre as guerras mundiais e após a crise de 1929. Neste momento, o setor não estará tão vinculado ao setor universitário, mas sim à literatura.

¹¹ Nos referimos à ideia de empreendimento editorial, tal qual definida por Robert Darnton, *O iluminismo como negócio*. São Paulo, Companhia da Letras, 1996.

homônima, *Brasiliana*, criada pela Companhia Editora Nacional (CEN), em 1931; e a *Documentos Brasileiros*, pela José Olympio, em 1936¹².

Dedicadas à história e à formação social do Brasil, as coleções não se fundam em função da universidade, mas expressam os projetos de modernização do ensino¹³ e as transformações do pensamento brasileiro da época que visavam desenvolver a cultura, instruir a sociedade e novas referências para assentar ideias de progresso nacional. A perspectiva universitária surgia no horizonte destas mudanças que acabavam por criticar o extremo elitismo e o espírito bacharelesco que vigorava naquele ambiente intelectual. As *brasilianas*, voltavam-se, portanto, ao público letrado em formação que, ao longo das décadas seguintes, será cada vez mais ligado a universidade.

Esta dinâmica editorial, foi a base na qual a *Difel*, *Civilização Brasileira*, *Zahar* e outras empresas buscaram os seus princípios norteadores e, ao mesmo tempo, identificaram as lacunas a serem preenchidas para se vincularem de modo mais íntimo às universidades. Desde os anos 1940, os resultados de pesquisas acadêmicas conformam um movimento que podemos denominar primeira difusão universitária que se realizou na divulgação de artigos e monografias publicados nos boletins das Faculdades de Filosofia do país, anais de encontros, congressos nacionais e revistas acadêmicas¹⁴. De modo disperso, começam a aparecer alguns livros referentes a estes trabalhos que pelo perfil temático e não-ficcional, acabam por ser absorvidos no sólido legado das *brasilianas*. Entre 1952-1955, por exemplo, a CEN publicou em sua *Brasiliana* as análises do que ficou conhecido como “Projeto Unesco”, pesquisa financiada pela instituição da Organização das Nações Unidas (ONU) em parceria com intelectuais pioneiros das universidades brasileiras¹⁵; a *Martins*, em São Paulo

¹² Heloisa Pontes. “Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das coleções *brasilianas*, nas décadas de 1930, 40 e 50”. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 56-89, 1988; Gustavo Sora, *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo, Edusp/Comarte, 2010; Fábio Franzini, *A sombra das palmeiras. A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959)*. São Paulo, USP, 2006.

¹³ Nos referimos aos desdobramentos do Movimento Escola Nova no Brasil, cujo manifesto é lançado em 1932. As iniciativas de Estado no sentido da modernização escolar ficaram conhecidos como a Reforma Francisco Campos, implementada a partir de 1931. Neste mesmo ano, é promulgado o decreto-lei n. 19.851 que ficou conhecido como Estatuto das Universidades.

¹⁴ Este movimento está mais voltado à dinâmica interna, ao contrário da publicação sistemática de livros universitários que se voltará ao público mais amplo. Diversas de nossas fontes permitem mapear esta dinâmica precursora, particularmente, os Boletins da Faculdade de Filosofia da USP, os anuários da mesma faculdade e as bibliografias de edições da *Difel*. As últimas trazem inúmeras referências de publicações de pretensão nacional como os anais de congressos disciplinares de Antropologia, Geografia e Ciências Sociais, além de revistas científicas mais antigas, como a do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que passam a ser ‘invadidas’ pela dinâmica de atuação dos intelectuais da universidade.

¹⁵ Marcos Chor Maio. “O Projeto Unesco e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, n. 41, outubro de 1999. p.141-158. Os livros publicados pela CEN foram: Thales de Azevedo, *As Elites de Cor* (1955); Roger Bastide e Florestan Fernandes, *O Negro em São Paulo* (1959). Antes destes, a editora também havia publicado Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro* (1940) um dos autores que pautou tema na universidade e

e mais próxima à USP, ainda nos anos 1940, publicou o doutorado de Eurípedes Simões de Paula, primeiro doutor titulado nesta instituição, e algumas obras do professor francês Roger Bastide¹⁶.

A inexistência de editoras universitárias, em seu sentido estrito, deixava o caminho aberto às casas comerciais. As casas tradicionais absorvem o movimento em sua forma embrionária, contudo, o modelo de seus empreendimentos se mostra limitado para assumirem esta produção de modo sistemático¹⁷. Em seus limites, elas demonstram paradoxalmente o caminho da renovação.

Com a consagração das brasilianas, verifica-se um *habitus*¹⁸ do mercado editorial que definia o reconhecimento das principais editoras brasileiras em projetos que se colocassem a serviço da cultura nacional, ligados à história ou à perspectiva de interpretar o Brasil¹⁹. Por conseguinte, novas empresas, como a Difel, irão traçar estratégias para intervir neste espaço de legitimidade. A produção universitária de maior destaque neste momento abria espaço neste sentido, pois estava justamente ligada às humanidades, especialmente às ciências sociais e à história.

Politicamente, a sociedade ainda estava marcada por um espírito nacionalista que alimentava as expectativas de reconstrução nacional com o fim da ditadura do Estado Novo. Projeto de nação, desenvolvimento, superação do atraso, ideias que estavam colocadas na ordem do dia, sob certa hegemonização de setores progressistas da sociedade²⁰. O envolvimento dos meios intelectuais com a política era intenso, a concepção nacional-desenvolvimentista reivindicava esta associação, criando um ambiente propício à produção de análises e interpretações da realidade nacional.

Ao lado das universidades, outras instituições surgem com força no intuito de modernizar o pensamento brasileiro. Lembremos que em 1955 o Ministério da Cultura funda o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), espaço de referência e modernização

atuou nos esboços da UNESCO antes de seu falecimento em 1950; e o professor da ELSP Donald Pierson, *Branco e Pretos na Bahia* (1945).

¹⁶ Eurípedes Simões de Paula, *Marrocos e suas Relações com a Ibéria na Antiguidade*. São Paulo, Martins, 1946; Roger Bastide, *A Poesia Afro-brasileira*. São Paulo, Martins, 1943; Roger Bastide, *Arte e Sociedade*. São Paulo, Martins, 1945. Esta última sai na coleção biblioteca Universtária.

¹⁷ Franzini e Pontes falam mesmo de uma estagnação deste modelo ao longo dos anos 1950.

¹⁸ Pierre Bourdieu. “Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe”. In: BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2007. p.186 e 190.

¹⁹ Antes destes empreendimentos não-ficcionais este lugar também foi ocupado pela literatura. Gustavo Sora, *op. cit.*, p. 28 e 29.

²⁰ Daniel Bielschowsky, *Pensamento Econômico Brasileiro: o Ciclo Ideológico do Desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2001.

desta intelectualidade engajada, e que no governo de Juscelino Kubitschek o plano audacioso de construção da nova capital federal comportava em sua concepção e em seus croquis uma universidade – a primeira pensada para abrigar também uma editora universitária²¹.

O ambiente apresentava condições favoráveis para se construir uma nova “redescoberta do Brasil”²² por meio de um empreendimento editorial que superasse as antigas brasileiras. Para atingir tal objetivo, alguns impasses deveriam ser contornados, especialmente no âmbito econômico. O mercado editorial passava por um período de dificuldades devido aos efeitos da política econômica nacional pós-1945: a abertura ao capital estrangeiro e a retomada das importações favoreceu o livro importado em detrimento das mercadorias nacionais, fazendo com que muitas casas surgidas no período anterior fossem à falência²³. Mantinham-se de pé CEN, José Olympio, Globo e outras grandes do setor, mas fundar novas empresas era um caminho arriscado.

A Difel surge neste contexto adverso. Paul Jean-Monteil, que já atuava como livreiro na Livraria Francesa, será o fundador da editora ao lado de alguns investidores estrangeiros. Integrado à realidade de expansão econômica e de formação da metrópole cultural²⁴, que também era o centro catalizador de recursos em diversos setores econômicos, ele consegue encontrar um caminho mais seguro para enfrentar as tais dificuldades da conjuntura.

O livreiro-editor, era um imigrante de origem francesa, engenheiro de formação, que redireciona sua vida profissional para o mundo dos livros, através da livraria, após ser demitido de seu trabalho por envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). As declarações de seu depoimento para polícia e outras documentações pessoais²⁵ demonstram que ele era próximo dos círculos intelectuais do partido, o que o motiva a buscar novos meios de vida na área cultural. Seguir para o ramo livreiro significava compreender e acompanhar a dinâmica do período: as livrarias viveram um *boom* com o incentivo às importações e o livro francês era demandado pela intelectualidade local. A sua livraria que cresce rapidamente, integrando o circuito cultural do ‘centro novo’ da cidade ao instalar sua sede na Rua Barão de Itapetininga, 275.

²¹ Marisa Midori Deaecto. “Editora UnB e a Biblioteca Básica Brasileira: tradição e inovação no mercado editorial universitário (1961-1964)”. Comunicação em III Congresso de Brazilianistas na Europa (ABRE), 2021.

²² Heloisa Pontes, *op. cit.*, p. 56.

²³ Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 572.

²⁴ Maria Arminda do Nascimento Arruda, *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX*. São Paulo, Edusp, 2015.

²⁵ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Departamento de Ordem Política e Social. Paul Monteil - Prontuário 19030; Arquivo Pessoal Paul-Jean Monteil, conservado pela neta Sílvia Monteil.

Entre circunstâncias pessoais, sociais e econômicas, Monteil cria referência nos meios paulistanos²⁶, abrindo possibilidades para a fundação da editora: através das importações ele atraiu sócios interessados na difusão do livro europeu e, especialmente, francês no Brasil, e para diversificar os investimentos da bem-sucedida livraria, fundam em sociedade a Difusão Europeia do Livro.

O nome era sugestivo de seu projeto inicial, pois a Difel começa suas atividades na distribuição de traduções portuguesas da Bertrand, passando a editar livros na cadeia de produção nacional, a partir de 1954. Esta mudança se faz com o desenvolvimento de uma política de traduções, um caminho que aproveita a lógica anterior de distribuição e, principalmente, sua experiência com a Livraria Francesa. A atuação comercial cria uma posição editorial vantajosa no contato com editoras na França, detentoras dos direitos de tradução das obras, e para avaliar os interesses do público local que, em parte, lia em francês ou tinha referência na cultura francesa em geral²⁷.

Diante desta realidade, a Difel entra no mercado nacional realizando traduções emblemáticas. Os livros de literatura iniciam seu catálogo com títulos de Colette, Vercors, Camus, Saint-Exupéry, André Malraux e Françoise Sagan. Em seguida, no que nos interessa mais de perto, o projeto se vota às coleções acadêmico-escolares, das quais destacamos a *Que sais-je?*, traduzida como *Saber Atual*, passando à *História Geral das Civilizações*, ambas da Presses Universitaires de France (PUF). Entre a filosofia e a literatura, a Difel também será a responsável pelas primeiras traduções de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir no Brasil.

O conjunto dos livros pode ser identificado como uma linha de *best-sellers*, pois a maioria deles apresentou altíssimas vendas e foram premiados no mercado editorial francês, mas para além do sucesso comercial que isso representa, eles também expressam aquele momento político e social. Na literatura, tratam da II Guerra, da resistência ao nazifascismo e também a literatura de escrita feminina. Na filosofia de Sartre e Beauvoir trazem a representação do engajamento intelectual, das polêmicas do marxismo na segunda

²⁶ As editoras cariocas com as quais a Difel conviveu se beneficiam de outras variáveis: a Civilização Brasileira tinha respaldo histórico na Companhia Editora Nacional que foi originalmente sua ‘empresa-irmã’, ambas fundadas por Octalles Marcondes Ferreira, sogro do então editor-proprietário Ênio Silveira. A Zahar também contou com uma base importadora, pois os irmãos Zahar, seus fundadores, iniciaram suas atividades com a Livraria LER. Como atestam os trabalhos citados, as três empresas e seus proprietários tinham algo em comum, a proximidade com os agrupamentos políticos de esquerda e o PCB.

²⁷ Esta referência vinha de períodos anteriores e mais elitistas. Mas a presença francesa nas instituições e na formação do público letrado se mantém na segunda metade do século XX, acompanhando as políticas modernizadoras às quais nos referimos. Diversas das Faculdades de Filosofia do país receberam ‘missões’ intelectuais francesas em seu processo de formação; além disso, o ensino do francês era obrigatório até o fim dos anos 1960.

metade do século e dos debates que envolviam o chamado Terceiro Mundo. Nestes temas e autores, a França ressignifica sua posição como nação literária e humanista no cenário internacional²⁸. As coleções universitárias da PUF seguem esta mesma toada, trazendo também um movimento de renovação das ciências sociais e da historiografia francesa, em diálogo com estas questões internacionais que interessavam aos brasileiros.

c. Um Catálogo Universitário: profissionalização intelectual e a economia do livro

O catálogo universitário da Difel não se inicia, portanto, absorvendo os resultados das pesquisas e debates oriundos da produção nacional realizada nas universidades. Lidando com as possibilidades que estavam colocadas naquele momento, Paul Monteil se orienta, sobretudo, aos interesses do público com quem ele convivia em estabelecimento comercial, mas este percurso revela outras camadas importantes da constituição do mercado editorial como mecanismo transmissor de um pensamento universitário brasileiro que buscava espaços para se expressar publicamente e construir referências teóricas.

As traduções da Difel mobilizaram nomes como Victor Ramos, Jacó Guinsburg, Leôncio Martins Rodrigues, Fernando Henrique Cardoso, Bento Prado Jr., entre outros jovens estudantes e/ou professores universitários da época. Eles são contratados por Monteil para atuar como revisores, diretores de coleção e, sobretudo, tradutores, deixando suas marcas na construção do catálogo da editora e do movimento editorial que ela integrava naquele momento, vinculando-se à USP. Estas edições nacionais de literatura, filosofia e das coleções universitárias da PUF traziam intervenções em sua concepção registradas nas escolhas dos títulos e paratextos, ou seja, elementos de produção ativa destes profissionais que operam a transferência da produção estrangeira para este novo ambiente²⁹.

Esta atuação universitária pode ser entendida como mais um aspecto daquela primeira difusão universitária que mencionamos. Primeiramente, essa mão-de-obra especializada buscava postos de trabalho que não estavam plenamente consolidados na profissionalização acadêmica. Diante disso, além da produção autoral veiculada em suportes acadêmicos ou dispersa nas grandes editoras, os intelectuais da universidade desejavam criar um debate sobre as suas matrizes de formação e sobre como posicionar e afirmar esta nova vertente do pensamento nacional nos circuitos internacionais que incidiam sobre o país.

²⁸ Denis Rolland, *La crise du modèle français - Marianne et l'Amérique Latine - Culture, politique et Identité*. Paris, L'Harmattan, 2011.

²⁹ Michel Espagne. "Transferências Culturais e História do Livro". *Revista Livro*, v.2, NELE. Cotia, Ateliê Editorial, 2012. p. 21-33.

Com as coleções da PUF a editora se dirigia explicitamente aos espaços de formação da universidade, por seu caráter didático e por proporem sínteses para diversos temas e áreas do conhecimento. Já a literatura selecionada abria possibilidades para as problemáticas contemporâneas que decorriam dos efeitos da II Guerra. Sartre e Beauvoir são a expressão máxima desta dinâmica. Os filósofos acaloravam os debates na formação de jovens estudantes e intelectuais por todo o mundo. A visita que fizeram ao Brasil em 1960, convidados para participarem do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária realizado na Universidade do Recife, foi um evento exemplar desta relação entre a referência francesa e os universitários brasileiros, acompanhada pela Difel no âmbito do mercado editorial³⁰.

Em paralelo ao seu projeto de traduções. A Difusão vai estreitando laços com os grupos que se formavam na universidade, na USP, mais especificamente. Esta era a instituição mais próxima das atividades da editora e que, neste momento, buscava meios para construir sua legitimidade institucional frente a outras universidades que se consolidavam no restante do país e, sobretudo, para além dos meios acadêmicos. Entre as publicações nacionais, destacam-se duas coleções a História Geral da Civilização Brasileira e a Corpo e Alma do Brasil.

A primeira foi lançada em 1960, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda. O título é explícito na referência à coleção francesa História Geral das Civilizações, traduzida pela Difel alguns anos antes. Com este desdobramento, a editora realiza mais uma intermediação entre suas referências internacionais, o público e profissionais brasileiros. A começar pela figura tão emblemática de Sérgio Buarque que vinha de assumir seu posto como professor titular da cátedra de História da Civilização Brasileira na FFCL-USP. O historiador renomado por suas obras desde a década de 1930, buscava agora se posicionar na universidade, instituição na qual ele depositou esforços e dedicação em prol da modernização da historiografia nacional³¹.

Em dois tomos e sete volumes, Sérgio Buarque teve de coordenar o trabalho de diversos intelectuais – historiadores, mas também sociólogos e filósofos – a partir da seleção

³⁰ Rodrigo Davi Almeida, *Sartre no Brasil, Expectativas e Repercussões*. São Paulo, Editora da UNESP, 2009. Em 1960, a editora havia traduzido 04 títulos de cada um dos filósofos, incluindo a trilogia *Caminhos da Liberdade* (1957-1958), de Sartre, e *O Segundo Sexo*, de Beauvoir (1960).

³¹ Thiago Nicodemo, et alii. *Uma Introdução à História da Historiografia Brasileira (1870-1970)*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2018. p. 123-130.

de temas e processos históricos que dessem conta de apresentar uma síntese da história do Brasil à altura dos novos métodos reivindicados pela ciência realizada na universidade:

Antes de tudo é mister dizer que o plano inicialmente previsto deveu sujeitar-se a sucessivas modificações, oriundas sobretudo de conselhos, relutâncias, recusas ou omissões de eventuais colaboradores. O que era inevitável num trabalho coletivo, o primeiro, em realidade, que já se dedicou à história do Brasil.

Impunha-se o aproveitamento dos vários pesquisadores que, em cátedras universitárias, ou em escritos de reconhecido mérito, se distinguiram ultimamente por seus trabalhos especializados, e que poderiam, assim utilizar ou transmitir conhecimentos atuais sobre cada tema proposto. Infelizmente só em parte pôde realizar-se esse intento. O responsável pela coleção, que a princípio pensara em redigir apenas um dos capítulos, e não o mais considerável presente neste volume, viu-se, por fim, na contingência de substituir vários autores que não puderam, ou só puderam em grau limitado dar sua contribuição ao projeto. Esse inconveniente será corrigido, porém, no volume segundo (...).³²

O desenvolvimento não ocorreu de forma ideal, a prioridade em construir uma coleção fiel à produção universitária teve de enfrentar intercorrências de toda ordem, especialmente, do ritmo de produção dos trabalhos requisitados. Editora e diretor tiveram de contornar a situação, mas no geral, o que se apresentou foi uma obra de autoria coletiva e universitária, carregando o selo da Faculdade de Filosofia da USP e o nome de seus principais professores, como Florestan Fernandes, Alice Canabrava, Emília Viotti da Costa e outros.

A segunda coleção, foi iniciada em 1958, e dirigida por Fernando Henrique Cardoso, professor assistente da Cadeira de Sociologia I, dirigida por Florestan Fernandes. Os modelos são muito distintos, diferentemente da História Geral da Civilização Brasileira, a *Corpo e Alma do Brasil* foi composta por livros independentes entre si, fruto de monografias, teses e dissertações produzidas nas diversas áreas das ciências humanas. Neste empreendimento, a editora finalmente chegava ao sistema universitário em sua expressão mais madura no sentido de que os trabalhos eram fruto de um circuito de uma produção mais contínuo e estabelecido, oriunda dos ritos de debate e profissionalização internos à vida acadêmica. Este aspecto fica claro na apresentação que Fernando Henrique faz à coleção, em 1960:

Pretende-se, pois, acolher nesta coleção trabalhos que traduzam o resultado do esforço de revisão das técnicas de análise e interpretação da realidade brasileira que vem caracterizando o desenvolvimento recente das ciências humanas no Brasil. O antigo espírito de improvisação e verbalismo, que tanto marcou a fase do chamado bacharelismo brasileiro,

³² Sérgio Buarque de Holanda. “Apresentação”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, p.7.

começa a ser revisto e substituído, pouco a pouco, pela radicação no Brasil do ponto de vista científico de análise dos problemas do homem, da sociedade e da cultura.³³

Reivindicando os parâmetros científicos estabelecidos pela instituição, o sociólogo demarca um território no mundo dos livros que deveria incidir sobre pensamento brasileiro e a realidade da época. O título que inaugura sua direção, *Mudanças Sociais no Brasil*, de Florestan Fernandes, era sugestivo da expressão de um espírito de época associado à modernização institucional e editorial que a coleção iria promover. Ele se refere, inclusive, ao legado das coleções brasileiras:

Vê-se, pois, que não se deseja acrescer às brasileiras existentes – que tão marcados serviços têm prestado para a difusão dos conhecimentos sobre o Brasil – uma coletânea similar. Não se têm a intenção de promover a edição ou a reedição de textos clássicos sobre o Brasil, sejam eles fontes primárias ou trabalhos de interpretação. Nem se pretende, sem excluí-los, publicar apenas autores consagrados. O objetivo expresso dessa coleção será a publicação de estudos sobre o Brasil que reflitam, nas suas cogitações e na técnica de elaboração, as preocupações do espírito científico.³⁴

Diferenciando-as do projeto proposto pela Difel, ele acaba também por reivindicar o seu legado e a atualização de um modelo editorial, nos termos do que concebia ser o trabalho científico. Esta reivindicação não é ocasional, nem impensada, Fernando Henrique posiciona a *Corpo e Alma do Brasil* no *habitus* do mercado, postulando que suas obras possam compor um cânone da intelectualidade nacional. Sem deixarmos de considerar que neste projeto também se evidencia a aliança com a USP, é verdade que o seu desenvolvimento irá atingir outras instituições locais e internacionais, ampliando o alcance dos debates e das redes que a editora mobilizava a partir de São Paulo e das atividades uspianas.

Inserindo-se nas redes intelectuais, reconhecendo o público e a profissionalização que se desenvolviam na universidade o catálogo Difel parte da elaboração de traduções para mobilizar o público e os profissionais universitários em prol da construção de sua identidade no mercado. Estreitando estas relações, o projeto da editora se nacionaliza, promovendo coleções que dialogavam com o histórico do movimento editorial brasileiro e as transformações de seu ambiente intelectual. Nesta medida, a imagem da editora se consolida e contribui ao lado de suas contemporâneas para dinamizar o mercado brasileiro na conformação de um gênero editorial definido pelo livro universitário.

d. Edição, universidade e a experiência da Difel no mercado brasileiro

³³ Fernando Henrique Cardoso. “Apresentação”. In FERNANDES, Florestan. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo, Difel, 1959. p.1.

³⁴ idem, p.2.

O mercado editorial brasileiro interagiu com as demandas de formação e atividades profissionais que se desenvolveram a partir do sistema universitário, desde a criação das primeiras instituições na década de 1930. Naquele momento, como se viu, esta relação foi indireta, expressando-se como mais um movimento do processo de reformas na educação nacional, na ampliação de leitores e em uma nova forma de interpretar o Brasil. Estes contribuíram para a expansão das edições nacionais naquele período, além de legitimar e consagrar os primeiros grandes empreendimentos editoriais de publicação não-ficcional, voltados a instruir e ilustrar o conhecimento do país – sua história, seu povo, sua economia e outros aspectos necessários à sua modernização.

Sob esse espírito, o desenvolvimento das universidades e a consolidação de um sistema que congregasse várias instituições e uma comunidade identificada com elas – envolvendo formação especializada, delimitações disciplinares, metodologias e produção de pesquisas –, deflagrou uma dinâmica virtuosa para o surgimento de uma nova atitude intelectual e o desejo de seus impulsionadores em conquistar espaço, individual e coletivamente, nos meios tradicionais da intelectualidade e no debate público. Criaram-se, com isso, diversas ferramentas e suportes para a circulação das novas ideias vindas deste sistema universitário, movimento que inevitavelmente afetou o mundo dos livros.

De modo disperso, ainda orientado pelos princípios e a lógica editorial anterior, os trabalhos, discursos e autores da universidade se inseriram nas principais casas brasileiras ainda nos anos 1940. Estava aberto o espaço para uma atividade mais contínua e identificada com esse sistema emergente e o gênero do livro universitário passa a figurar como um horizonte de especialização profissional, especialmente para novas editoras.

A experiência da Difusão Europeia do Livro lança luz a algumas características deste processo.

Atuante na cidade de São Paulo e vinculada às atividades da USP, a editora fundada pelo livreiro francês Paul-Jean Monteil pôde se beneficiar da evolução institucional desta universidade dentro dos circuitos culturais e intelectuais daquela capital. Nos anos 1950, a produção de trabalhos oriundos de sua estrutura de formação e profissionalização acadêmica se encontrava em franca ascensão e a necessidade de introduzi-los no espaço público ampliava as possibilidades e a necessidade de vincular-se a uma estrutura do mercado editorial.

Em sua ligação com o mercado europeu, através da Livraria Francesa de Paul Monteil, a Difel inicia seu catálogo com uma política de traduções que envolve a comunidade

universitária como profissionais da cadeia produtiva do livro. Desta aproximação, a editora desdobra projetos nacionais que aproveitam os diferentes ritmos de produção acadêmica sustentada por esta comunidade de autores. Surgem, então, as coleções História Geral da Civilização Brasileira, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda, e Corpo e Alma do Brasil, sob orientação de Fernando Henrique Cardoso. Em diferentes posições do sistema universitário naquele momento, os diretores de coleção apresentam discursos de valorização do modo de trabalho, dos métodos e da produção escrita que caracterizam a existência da instituição. Nestes termos, a produção editorial proposta se torna um instrumento de divulgação desta realidade intelectual e de sua capacidade de intervir, de modo modernizador, frente ao conjunto da intelectualidade brasileira.

Da cidade de São Paulo, em aliança com sua principal universidade, a Difel integra um movimento maior. As edições e os intelectuais envolvidos nesta relação expressam as condições locais para o desenvolvimento da economia do livro, ao mesmo tempo, em que se colocam como porta-vozes de um conjunto de práticas que pretendem legitimar o sentido coletivo de outras experiências locais. Modernizar o pensamento brasileiro, delimitar um discurso científico através do livro universitário eram objetivos pretensivos de expressar esta coletividade.

Vemos, assim, um dos caminhos seguidos pelo livro universitário no mercado brasileiro. A experiência da Difel, evidentemente, não resume todo o processo de formação do gênero editorial, ela representa um elemento desta transformação, localizado na dinâmica paulista, que pode ser tomada para compreendermos o papel da produção editorial como ‘denominador’ na transmissão de obras de um novo sistema de produção intelectual, fundado nas universidades.

e. Referências Bibliográficas

ARRUDA, M.M.N. A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a Escola Paulista. In: MICELI, S. **A História das Ciências Sociais no Brasil**, vol. 2. São Paulo, Editora Sumaré, 2001.

ARANTES, P. **Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana: uma experiência nos anos 60**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

AZEVEDO, F. **A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. São Paulo, Melhoramentos, 1958.

BIELSCHOWSKY, D. **Pensamento Econômico Brasileiro: o Ciclo Ideológico do Desenvolvimentismo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2001.

BOURDIEU, P. Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe” In: BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

BUFREM, L. S. **Editoras Universitárias no Brasil: uma crítica para reformulação da prática**. São Paulo: Edusp; Com Arte, 2015.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro, Ouro Sobre o Azul.

_____. O Significado de Raízes do Brasil. Prefácio à 26ª edição. In: Holanda, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

CARONE, E. **Revoluções do Brasil Contemporâneo (1922-1938)**. São Paulo, DESA, 1965.

CATALDO, F. **Editar Livros, sonho de livreiros: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2018.

CHARTIER, R. & ROCHE, D. O Livro: uma Mudança de Perspectiva. In: LE GOFF, J. & NORA, P. (orgs.). **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

DEAECTO, M.M. Editora UnB e a Biblioteca Básica Brasileira: tradição e inovação no mercado editorial universitário (1961-1964). Comunicação em **III Congresso de Brazilianistas na Europa (ABRE)**, 2021.

_____. **O Império dos Livros. Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista**. São Paulo: Edusp, 2011.

ESPAGNE, M. Transferências Culturais e História do Livro. **Revista Livro**, v.2, NELE. Cotia, Ateliê Editorial, 2012. p. 21-33.

FEBVRE, L. e MARTIN, H.J. **O Aparecimento do Livro**. São Paulo, Edusp, 2017.

FRANZINI, F. **À sombra das palmeiras. A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959)**. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2006.

HALLEWELL, L. **O Livro no Brasil: sua história**. São Paulo, Edusp 2012.

MACHADO, Ubiratan. **Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras**. Cotia, Ateliê Editorial, 2009.

MAIO, M. C. O Projeto Unesco e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 14, n. 41, outubro de 1999. p.141-158.

NÓBREGA, L. S. **Editoras e ciências sociais no Brasil: a Zahar Editores e a emergência das ciências sociais como gênero editorial (1957-1984)**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2019.

NICODEMO, T. et ali. **Uma Introdução à História da Historiografia Brasileira (1870-1970)**. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2018

PONTES, H. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das coleções brasileiras, nas décadas de 1930, 40 e 50. In: **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 56-89, 1988.

QUINTA, H. C. **A trajetória de Santa Cruz e da Livraria Duas Cidades: o livreiro-editor de religiosos, universitários e intelectuais na cidade de São Paulo (1954-2006)**, Tese de Doutorado, Universidade Estadual de São Paulo, 2021.

ROLLAND, D. **La crise du modèle français - Marianne et l'Amérique Latine - Culture, politique et Identité**. Paris, L'Harmattan, 2011.

ROSA, M. R. “Esquerdisticamente Afinados”: Os Intelectuais, os Livros e as Revistas das Editoras Paz e Terra e Civilização Brasileira (1964-1969). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SECCO, L. **A Batalha dos Livros**. Cotia, Ateliê Editorial, 2017.

SORA, G. **Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro**. São Paulo, Edusp/Comarte, 2010.